

AFETOS E RESENTIMENTOS NA CONSTRUÇÃO FÍLMICA DOS EX-COMBATENTES E DA FEB¹

Cássio dos Santos Tomaim – PPG-UNESP/Franca

Sessenta anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial ainda permanece no ar um cheiro amargo da derrota em que a própria humanidade se impôs diante da brutalidade expressa pela fantasmagoria do totalitarismo presente em nossa cultura. Os ecos desta derrota (os gritos de horror das vítimas dos campos de extermínio humano) ecoaram nas paredes do último século e ainda persistirão por um longo tempo, marcas de que o homem não saberá e não deverá viver sem elas. De uma fresta, aberta no pós-guerra com a vitória sobre o nazi-fascismo, surgiu uma névoa de sentimentos e ressentimentos que se fez presente na sociedade contemporânea por toda a metade do século XX, por mais incômoda que fosse. Deste incômodo que acena no presente com as lembranças dos horrores, o revisionismo histórico tratou logo de sujeitá-lo ao esquecimento e à denegação. No entanto, ao invés de ausência na memória, devemos manter erguidas as ruínas desta barbárie, até mesmo como um choque, um alerta para que a humanidade não repita em doses maiores esta cultura da barbárie, pelo contrário, que façamos “uso” destas ruínas como forma de um compromisso ético e político para com aqueles que morreram ensinando ao mundo que a guerra é uma experiência que deixa corpos e almas mutilados.

No caso brasileiro, se faz perturbador o fato de sabermos que os nossos homens do campo, operários urbanos e jovens estudantes foram condenados em 1944 a transporem a sua própria dignidade humana, uma vez que, como sobreviventes de guerra, a morte beira a banalidade em seus testemunhos. A experiência de guerra relatada pelo soldado Ferdinando Palermo, alfaiate convocado para servir numa companhia de fuzileiros da FEB, é um dos exemplos: “todo o sentimento que eu tinha foi perdido na guerra, que destrói tudo. Ela destrói todo o seu sentimento humano, e você passa a ser um bicho. No início, a desgraça que nos cercava impressionava muito, mas com o passar do tempo, comecei a

achar tudo aquilo comum. [...] Fiquei completamente desumano, perdi todo o amor que sentia pelo semelhante”.²

A brutalização do ser em combate surge como uma norma, pois no *front* matar o inimigo é uma função que deve ser exercida pelos soldados de ambos os lados. No entanto, e o pior, para aqueles que conviveram de perto com a barbárie ainda têm que enfrentar o esquecimento. Ao completar 60 anos da conquista do Monte Castelo pelos expedicionários brasileiros, infelizmente não temos muito o que comemorar, na mídia impressa e televisiva o tom é de saudosismo e de melancolia de uma memória reservada aos museus de associações dos veteranos, aos poucos pesquisadores e interessados pela história militar e da guerra, e aos compatriotas que bravamente resistiram ao frio cortante do norte da Itália e ao terreno montanhoso que resguardava a artilharia pesada do experiente e temível exército alemão. O esquecimento da sociedade civil e do Estado acaba submetendo os ex-combatentes brasileiros a uma banalidade tanto quanto a guerra em que foram participantes, o desprezo acompanhado das atrocidades que presenciaram fez dos veteranos da FEB, após o seu retorno, vítimas de seus próprios dilemas de consciência, levando-os, não raramente, ao alcoolismo e ao suicídio.

Ainda hoje, as lutas destes combatentes é por um reconhecimento social que transita por uma construção de identidade do nacional ou dos significados da participação destes brasileiros no *front* em Nápoles no nosso imaginário social que, por sua vez, encontrou tanto na história quanto no cinema espaços para instrumentalizações fecundas. Neste estudo não pretendo vitimizar ou heroicizar os febianos, mas levantar alguns elementos para um início de compreensão das imagens da FEB e de seus expedicionários que foram edificadas ao longo de décadas ora por um discurso triunfalista e apoteótico, ora por um discurso reducionista e cômico da colaboração do Brasil no conflito mundial. A questão é que ambas as construções discursivas, que prevalecem até os dias de hoje, não deram conta da dimensão do sensível de homens e mulheres, “soldados cidadãos” que prestaram “tributo de sangue” à sua Nação.

Vejo, então, no estudo dos filmes documentários a respeito da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial a possibilidade de compreendermos o *como* o sensível está significado na tentativa de legitimar memórias e identidades que, apesar de aparentemente antagônicas, têm como intuito construir uma idéia-imagem de Nação, logo, reportar a uma ou outra imagem de nacionalidade. Tarefa que aqui proponho ao introduzir algumas reflexões que possam ser úteis no esclarecimento de *como* afetos e ressentimentos de outros tempos são instrumentalizados para significar no tempo presente da obra fílmica imagens que contemplem o imaginário social sobre a FEB e os ex-combatentes.

O nascimento da FEB veio acompanhado de uma construção sógnica fundamental para a propaganda política do Estado Novo: o mito do inimigo. Via-se nos expedicionários o “exército de reserva de mobilização” de um regime que buscava legitimidade política na instrumentalização dos sentimentos de comoção e ódio do povo brasileiro, provenientes dos ataques dos submarinos alemães. Projetava-se, então, na FEB a resposta do Brasil à ameaça totalitária que assolava o mundo. Para o Estado Novo a canalização destes sensíveis na imagem dos alemães, transformando-os em inimigos da Pátria, era ferramenta indispensável para a confluência do povo brasileiro em um sentido comum, neste caso o esforço na produção visando o desenvolvimento industrial e econômico do país. Trabalhadores e soldados lutavam, cada um em seu *front*, em nome de uma unidade, de uma harmonia que se via ameaçada.

A partir desta imagem do “Inimigo”, acredito que os filmes documentários sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial funcionam como mecanismos discursivos, portanto ideológicos, que buscam significar a FEB e os ex-combatentes brasileiros em torno de sentimentos de afetos e de ressentimentos canalizados em novos inimigos: o Estado e a sociedade civil. Destacando algumas produções, principalmente dos anos 90 e início do século XXI como *Rádio Auriverde* (Sylvio Back, 1990), *Senta a Pua!* (Erick de Castro, 2000), *O Brasil na Segunda Guerra Mundial* (Guga de Oliveira, 2003, co-produção STV e Vagalume Filmes), acredito que certos elementos sensíveis, ao serem aqui instrumentalizados como matéria-prima na construção sógnica da FEB, ainda reforçam

imagens incapazes de tratar da memória dos expedicionários e deste período da história do Brasil.

Deparamos, então, com uma divergência na forma discursiva e ideológica de significar a FEB e a participação dos brasileiros no conflito mundial, em que ora temos um cinema comprometido com a valorização da memória dos ex-combatentes, ora um cinema predisposto a polemizar, criticar e, até mesmo, satirizar as reservas simbólicas desta primeira memória. No entanto, apesar de apresentarem *locus* discursivos antagônicos, acredito ser possível traçarmos linhas paralelas, mesmo que tênues, em que a imagem dos pracinhas, atrelada à das Forças Armadas e carregada de simbolismos pátrios, apropriada (a imagem) por um ou outro esquema discursivo, é construída como um reduto de significações para a legitimação de um sentido do nacional. Trata-se de incorporar na imagem dos expedicionários significados que procuram transformá-los, por um lado, em heróis e, por outro, em anti-heróis. Assim, heróis de um Brasil que nos anos 40, aliado aos EUA, venceu a “ameaça totalitária” que assolava o cenário mundial naquela época, imagem também construída pela propaganda política do Governo Vargas; ao mesmo tempo vitoriosos e derrotados no retorno ao solo pátrio, os ex-combatentes depõem nos filmes documentários contra o Estado e a sociedade civil pelo qual lutaram em Nápoles; suas glórias esquecidas são transformadas em ressentimentos. E anti-heróis de um país que, comprometido com o capital estrangeiro para modernizar-se, envia para o *front* de batalha na distante Europa suas tropas de jovens e despreparados soldados para um combate de proporções desumanas, enquanto internamente a população não demonstrava nenhuma motivação e mobilização para a guerra; pinta-se um pracinha “condenado” pela sua própria pátria a experimentar as crueldades de uma guerra que não lhe dizia respeito, a morrer em solo estrangeiro, enquanto outros desfrutavam no Brasil das praias, das mulheres, do futebol e do carnaval.

Enquanto uns filmes procuram fazer a recuperação da memória dos ex-combatentes forjando como inimigos o Estado e a sociedade civil ausentes e despreparados para tratarem com dignidade da história de seus patriotas que tombaram na Itália como heróis e

daqueles que não sobreviveram ao tempo, derrotados pelo esquecimento, outras películas “fabricam” como eterno inimigo do Brasil o imperialismo norte-americano, em que racionaliza um domínio social e cultural na América Latina, tendo nas ditaduras militares dos anos 60 e 70 as suas principais marcas.

No entanto, não se deve esquecer que estes filmes documentários, apesar de tratarem de um mesmo período da história brasileira, são recortes que pretendem retratar uma imagem da FEB e dos pracinhas a partir de uma busca em responder algumas inquietações próprias emergidas em outros momentos. Um se realiza ainda sob nuvens escuras de um tempo que insiste em deixar lembranças de perseguições, torturas, censuras, exílios, sangue e morte: a ditadura militar; enquanto outros presenciam novos ares, mais lípidos, em tempos que parecem sugerir um espírito de felicidade, mas acompanhado de alguns traumas e amarguras, em que não se deve contestar, mas apenas aclamar o direito de todos por uma “consciência feliz”. Em ambos, ressentimentos são atualizados, ora motivados por um antiimperialismo, ora pelo descaso de décadas do Estado em tratar da reintegração social dos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial e da sociedade civil em não reconhecer o tributo de sangue destes cidadãos-soldados.

A própria dissolução da FEB em maio de 1945, ainda em território italiano, e, posteriormente, a sua desmobilização já no Brasil contribuiriam futuramente para os (des)encontros afetivos dos ex-combatentes com o seu Estado e com o povo que lhes acolheu no retorno à pátria. Esta situação acabou por refletir um certo ressentimento no ex-combatente em ser “infelizmente um febiano”, como podemos perceber no seguinte relato: “entre o povo em geral e, às vezes, mesmo entre os nossos familiares, lavrou-se o conceito de que *guerra e neurose* são sinônimas, e, daí a dificuldade em serem readmitidos nos antigos empregos. Arranjar novos, era quase impossível”.³ Como se vê, a sociedade brasileira não estava preparada para receber seus ex-combatentes, logo, a saída para os febianos foi de se aproximarem gradativamente das Forças Armadas, especialmente do Exército. Aos poucos os eventos dos ex-combatentes passam a ter um caráter militarizado o

que contribuiu para a construção de uma identidade comum entre a FEB e as Forças Armadas, imagem que ainda veio a ser reforçada pelo golpe militar de 1964.

Esta identidade é vista hoje como a responsável pelo desprezo conferido por historiadores, jornalistas, cineastas e pela sociedade em geral à FEB e aos expedicionários. Nos anos de 1960 e 1970, esta imagem veio ser reforçada tanto pelas declarações de apoio individuais e coletivas dos ex-combatentes quanto pelo silêncio das associações diante das denúncias de torturas, perseguições e mortes durante o regime militar. No entanto, foi a partir desta identidade que a FEB se deparou com um espaço de pertencimento — as Forças Armadas — sugerindo-lhes uma sensação de proteção diante da condição de isolamento, abandono e esquecimento a que foram submetidos pelo Estado e pela sociedade civil. Este pertencimento tem nos ressentimentos os elementos-chaves para esta estruturação, tendo em vista que “os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo, e suas expressões, as manifestações [...] podem ser gratificantes.”⁴

Nota-se, então, que as marcas profundas deixadas pelo regime militar na sociedade brasileira insistem em não desaparecer, o que não seria por menos, pelo contrário vão ganhando outros contornos na tela do cinema ao serem canalizadas nas significações da FEB, como as imagens traçadas por Sylvio Back em seu *Rádio Auriverde*:

Chega a Nápoles o primeiro contingente de cinco mil homens da Força Expedicionária Brasileira, de um total de 25 mil homens que integrarão o V Exército aliado como tropa auxiliar dos Estados Unidos. Desorganizados, sem liderança, mal vestidos e mal alimentados, doentes de corpo e cabeça, sem instrução e sem treinamento - é esse o Exército de Caxias, como se alto intitula a FEB, que o Brasil envia para o teatro de operações da Europa. Na fase de organização da força expedicionária, muitos filhos de gente rica e classe média influente conseguia furtar-se à convocação, até simulando tuberculose e sífilis. Deixando para trás a ditadura de Vargas, ironicamente, o pracinha faz profissão de fé anti-fascista pela voz de militares que sustentam o regime, vários deles, conhecidos pelas suas simpatias ao nazismo e pelo seu anti-semitismo. O Brasil — para receber as benesses dos Estados Unidos — promete o envio de 100 mil homens. Acaba com apenas 15 mil soldados na linha de frente - os últimos guerreiros a entrarem na Segunda Guerra Mundial quando ela já estava no fim.

Formações discursivas como estas são demonstrações de como reservas simbólicas da memória da FEB e dos ex-combatentes brasileiros são denegridas, em nome de uma desmistificação do mito de 1945, para atingir um alvo ainda maior: os responsáveis pelo golpe de 1964. Não se pode negar que mais uma vez a FEB foi um alvo fácil, quando do seu retorno ao Brasil representava uma ameaça ao jogo político da época, um dos fatores de uma mal sucedida reintegração social de seus expedicionários, e agora penalizada devido ao conformismo e ao silêncio dos ex-combatentes, na sua maioria, assumidos durante e após os anos 60 e 70. O juízo a respeito da FEB durante os últimos 40 anos foi configurado a partir do ato consciente daqueles febianos que, na sua maioria, se não participaram ativamente do regime militar, pelo menos de forma silenciosa, e politicamente, apoiaram e esperaram do Estado brasileiro, naquele momento representado pelas Forças Armadas, uma gratificação (ou doação) pelos seus feitos heróicos na distante Itália fascista. Esta é uma das contradições internas da FEB que precisa ser encarada pelos próprios ex-combatentes.

Por outro lado, é fundamental notarmos que a aproximação da FEB com as Forças Armadas se deu motivada por sentimentos oriundos de longos desafetos em que foram submetidos os ex-combatentes pelo Estado e a sociedade civil brasileiros. Aos poucos as Forças Armadas foram se configurando como um reduto simbólico para os febianos, mas que não deixou de preservar as marcas de um tempo doloroso para o Brasil.

No entanto, sabe-se que nem todos os ex-combatentes brasileiros foram condizentes com o regime militar, pelo contrário, muitos militares e febianos também foram vítimas do terror que assolava a sociedade brasileira na época. O regime nem mesmo poupava os seus pares, mas que neste caso eram visto como desertores e deviam ser expulsos da caserna. Sob a alegação de subversivos, alguns ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, como o Brigadeiro Fortunato Câmara de Oliveira, eram perseguidos e muitos caíam na clandestinidade. Fortunato, capitão na época e criador do símbolo do avestruz guerreiro que acompanhou o 1º Grupo de Caça da FAB, durante o regime militar, foi demitido da FAB, perdendo os seus direitos políticos e pouco depois, por meio de uma

portaria, sendo proibido de voar ou de ser empregado como aviador ou de exercer qualquer função relacionada à aviação. O ex-combatente brasileiro que tantas missões executou nos céus da Itália via-se, agora, sem assas, desprotegido.⁵ Já o ex-sargento da FEB José de Sá Roriz, ao se envolver com a luta armada de esquerda, foi preso em duas ocasiões pela polícia do regime, uma vez em 1968 quando conseguiu ser libertado, mas em 1973 não voltaria nunca mais do cárcere do DOI/CODI, compondo a lista dos desaparecidos políticos.⁶

Desta forma, como se pode perceber, ainda há um longo caminho a ser percorrido na busca da compreensão de *como* se configuram estas construções fílmicas a respeito da participação dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial, tendo como matérias-primas sentimentos e ressentimentos, amarguras e ódios recalcados de outros tempos, fantasmas de outrora que o cinema insiste em atualizar, em despertar. Então, trata-se de pensar como estes ressentimentos, que podem ter sido criados por sentimentos como a inveja, o ciúme, o rancor, a maldade, o desejo de vingança, mas também pela experiência da humilhação e do medo durante toda a segunda metade do século XX no Brasil, ainda como reflexos das marcas profundas deixadas na sociedade contemporânea do pós-guerra, são agora significados na grande tela, como objetos de uma experiência perceptiva tendo o cinema como o lugar da memória e do pertencimento, em que em uma produção de filmes sobre a FEB identidades fragmentadas acabam se justapondo, para compor uma identidade única do nacional.

¹ Este texto é uma síntese de um artigo encaminhado para a *Revista Brasileira de História* da ANPUH.

² PALERMO, Ferdinando *apud* MAXIMIANO, Cesar Campiani. “A tarefa rotineira de matar”. In: *Nossa História*. v. 2, n. 15, jan. 2005. p.29.

³ LINS, Maria de Lourdes Ferreira. *A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação*. São Paulo: Unidas, 1975. p.196.

⁴ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Unicamp, 2001, p.21-22.

⁵ Depoimento do Brigadeiro Fortunato Câmara de Oliveira em 1997. Ver Santos, Andréa Paula dos. *À esquerda das Forças Armadas Brasileiras: história oral de vida de militares nacionalistas de esquerda*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 137-144.

⁶ Ver GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 2003. p. 141-142.